

O ELENCO.

Publica-se no 1.º e 15 de cada mez }
 Assigna-se na Typographia onde se }
 imprime, e mais lojas do costume. }

Assignatura por tres mezes — }
 200: — Avulso 40 reis. }

SABBAO 15 DE JUNHO.

O ELENCO

Espinhosa tarefa é o officio de escriptor imparcial! — Acostumados como estamos a ver acolhidas nossas obras com palavras de adulação, que sempre vibram em ouvidos de auctor, como bem-merecidos louvores; afeitos, quando menos, á mudez de um surrizo de benevola parcialidade, que, permeiando o prisma do amor-proprio, nos faz brilhar os olhos de glorioso triumpho; será com o mais extranho desgosto, que veremos erigir-se algum censor das nossas producções, abocanhá-las com frias criticas, discriminá-las, isolando-lhes todos os — que julgam — defeitos, e prevenindo com sua injusta, e por ventura invejosa mordacidade os juizos do publico! .. — ; Zoilos, Aristarchos, Mevios, e que mal vos faz o meu poema, o meu drama, o meu romance, para que assim os mastigueis com os vossos dentes de vibora, que espremem peçonha de mais morte, que os da propria vibora?! ..

De quantas destas apostrophes não seremos nós o alvo pelo decursó desta nossa ardua empreza! — Quantas reflexões temerarias, similhantes ás que acima vão escriptas, — quantas vaias de presunçosos! .. — E tal será o nosso apanagio pelo serviço que fazemos á litteratura dos portuguezes, que, a não ser com baldões e mollas, só usam remunerá-os com uma encheraga no hospital, e nove palmos de boa terra em um cemiterio! ..

O desbocamento das nossas discussões políticas, a má fé nas argumentações e raciocinios dos partidos, a triseccão em que por elles nos achamos constituídos,

rasões ponderosas são para esta desconfiança mutua que entre nós se observa; e d'ahi procede que as mais das vezes a justa censura se ha-de confundir com a critica (ou mesmo com a satyra) e ha-de quasi sempre attribuir-se, ou a inimizades, ou a vil inveja. —

Aos nossos proprios ouvidos ja téem chegado desses clamores, mas consolemos-nos, que, para os desmentir, bastará o tempo, no processo deste nosso desalinhado — mas imparcial — escripto.

Muito uzado é entre nós o ditado: — *« Quem melhor o quizer vá a sua casa »* — Não permitta Deus cahirmos na insensatez de nos compararmos na mais leve cousa com o illustre favorito dos Pisoês; não diremos pois com elle o — *fungar vice cotis* —, só contaremos a este proposito um caso lá da nossa terra. — *« Havia pois nessa aldeia de christo um theatro muito acciado; déra-lhe edificio a espaçosa tulha de um visinho mosteiro. — Os novos successores de Thespis a tinham basculhado com todo o esmero, e se achava arreada com solemnes damascos, e garridos panos de Arraz onde, em grupos fantasticos, se viam dibuxados severos guerreiros, e damas descoradas, affigurando aos espectadores.*

« Drama em silencio ao pé d'activo drama. »

Era um festival domingo. — Não póde explicar-se a alegria com que amanhece um domingo para uma aldeia; mesmo os que não téem fadigas, de que descansem, sentem nesse dia um regosijo insolito, inexplicavel, parece que se desabrocha o céu n'um surrizo, que vem espalhar louçania em todos os rostos. . . .

Não morava porem o surrizo em todos: um loiro mancebo, amuado e despeitoso, olhava tristemente para o chão, que riscava a esmo com um cajado, em quanto um velhusco de rara grenha, e boca escancarada era levado em triumpho pela multidão.

Esse velho era o ensaiador dos novo actores; peor do que todos os seus discipulos, era um *Bertholdo* na Scena, mas um *Emile Doux* quando ensaiava: — por isso o tinham á pouco substituido ao mancebo loiro, que, não sabendo transmittir aos seus collegas o enthusiasmo, o sentimento, a verisimilhança do seu representar (pois era o melhor do bando) sofrêra a ominosa preterição, e ganhára o injusto epitheto de — egoista.

No antecedente Numero demos o indice dos Periodicos que se contavam em 1838; incumbem-nos pois tratar de cada um delles em particular, o que só lentamente iremos executando para não cançarmos os nossos leitores com identidade de assumptos. Dos Periodicos diarios muito pouco temos a dizer, por que alem de muito conhecidos per toda a gente, são exclusivamente dedicados á politica; a primeira rasão daria pouco interesse á nossa analyse, e pela segunda quasi que ficam elles fora do nosso raio visual.

Tomál-os-hemos pois simultaneamente, dando nosso humilde juizo apenas no que toca á parte litteraria.

O Nacional, o Director, o Tempo, o Correio, o Constitucional, e o Diario do Governo, eis os diarios em 1838.

O NACIONAL é aquelle, que per mais tempo se tem conservado; começou em 1834, e desde essa epocha pouco tem variado a sua phrase. — Appresentando a espaços eloquentes artigos de fundo, jamais appareceu com algum inteiramente limpo de tára (como diz o nosso *Filinto*), e não

raras vezes se lhe depara com um — *revoltante*, um *entravar*, e outras quejandas algarvias que lhe matam a facundia.

Nos artigos de Variedades não falamos, pois que são filhos engeitados, ninguém querendo responsabilisar-se pelo mal ataviados que se amostram. Pois é pena; que nestes ultimos tempos, tem-se notado *gostosa* escolha no *folhetim* d'aquelle jornal; assim não fossem as traducções *tanto ao pé da lettra*, que se fica em duvida, si, o que se leu, era francez ou portuguez. — Também algumas *poesias* ahi se lêem de tempos a tempos, mas nenhuma ainda vimos, que mereça este nome: citaremos como exemplo uns taes versos de uma Senhora *anonima*, que ja muitas vezes tem mimoseado os leitores do *Nacional* com as suas *prosissimas prosas destlavadas*, a que n'aquelle jornal se chama *excellentes produções poeticas*! — Quando acabará entre nós o servilismo litterario? — Quando cessaremos per uma vez de propagar, e recommendar com elogios o que só de vituperios se faz crêdor? — Quando deixaremos de perpetuar, e conduzir pela nossa mão á posteridade as fezes, o repudio da nossa elegante poezia portugueza, legando aos vindouros essas sementes de mãos escriptas, e fazendo dest'arte um verdadeiro des-serviço á litteratura patria!

E' muito digno de louvor um artigo semanal com o titulo de *Retrospecto Pulitico*; a fraze é excellente e pura, o estylo é *cerrado*, como convem ao assumpto, e é este de tanto interesse, que por elle sobe de ponto o valor do *Nacional*.

O DIRECTOR nos seus artigos de fundo se tem sempre nostrado rigoroso na linguagem de que uza, e bem se pode dizer que *escreve em portuguez*; nos seus primeiros tempos era um pouco requintada a collocação, e a *culpae fuga* a fazia trescalhar para o archismo; a dicção tinha muitos resabios de *Paiva*, e mais ainda de *Ferreira*, peccando a vezes por antiquada. Esses excessos de virtude se acham actualmente modificados, e ja nada ha de que desdenhar. — Quanto ás Variedades offerece todos os defeitos do *folhetim do Nacional* sem ter a boa escolha que n'aquelle se manifesta.

O TEMPO orça pelo *Nacional* em quanto aos artigos de fundo, devendo comtudo notar-se que alguma vez os tem appresentado de linguagem irreprehensivel: quanto ao mais não se faz notavel.

O CORREIO se alguma virtude de linguagem appresenta, é a *Carencia de vicio*, não se distinguindo por classica, nem por bastarda: pede a verdade o dizer-se, que alguns artigos se leram n'aquelle jornal todos brilhantes de não vulgar eloquencia, e onde o rico idioma portuguez alardeava todas as suas galas; mas o tempo desses artigos passou: a largo trac-

to que se foram tornando cada vez mais raros, até porfim cessarem de todo.

O *folhetim* é pela força do do Nacional.

O CONSTITUCIONAL com o seu estylo médio, facil, e engraçado dava honra á nossa *Imprensa Periodica*.

Seria custoso deparar-lhe com um galicismo.

Finalmente O DIARIO DO GOVERNO tem appresentado phases, porem depois que foi comettido ao actual Redactor não pôde negar-se-lhe merecimento: o estylo é puro e castigado, e a phraze correcta sem mescla de *francesismo*.

RESUMIDA NOTICIA

Da vida de D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval = Paris = na Typographia de Casimir.

Chegou-nos agora á mão este opusculo; e nos consta que alguns exemplares delle se tem espalhado; por isto intendemos convir, que digamos alguma cousa a seu respeito; apenas porem nos precisos termos, que nos temos proposto sobre qualquer escripto em geral.

Demais: a Casa de Cadaval é essencialmente memorada em nossas historias. O ultimo Duque de Cadaval, que pela primeira vez appareceu na scena politica em 1826, deixou para sempre a patria em 1834, e foi morrer em terras estranhas pela fatalidade dos partidos. O Duque de Cadaval foi um dos membros da Regencia creada por El-Rei D. João VI em 6 de Março d'aquelle anno: foi o primeiro Presidente da Camara dos Pares nomeado por El-Rei D. Pedro IV foi Ministro assistente ao despacho de D. Miguel: foi por este demittido, ou forçado a dimittir-se de tal emprego: aceitou, e exerceu depois o cargo de Coronel General dos Realistas, commandou Lisboa, em quanto D. Miguel foi em pessoa dar toda a força, e todo o impulso ao Cerco do Porto: desamparou com todas as tropas que tinha á sua disposição esta Cidade na memoravel noite de 23 para 24 de Julho de 1833, sendo assim causa de que sem o mais leve obstaculo os Lisbonenses proclamassem a Carta, e a Rainha na manhã seguinte; soltassem os presos; entrassem os arsenaes; se armassem, se organisassem sob um aspecto respeitavel; e chamassem, e recebessem com jubilosos emboras, o victorioso Duque da Teceira, e sua tão pequena, quanto denodada e valente divisão.

Estes factos, que o A. do opusculo não contradiz, ao mesmo tempo, que pola antithese moral em que se envolvem, provocam justificada curiosidade de conhecer a verdadeira razão de cada um delles; offerecem evidentissima difficuldade ao panygirista para os conciliar com o ponto de

honra, e firmesa de caracter do varão forte, e d'animo constante.

Assim si por uma parte nos será levada em boa conta a demora, que houvermos n'este assumpto; por outra parte não podemos desde ja esconder nossa humilde opinião de que o panygirista, que (com quanto por arte decline este epitheto) o é sem mistura, mui longe ficou d'alcançar o fim, que antolhara.

Accrescentaremos inda, que não somente alguma vez elle se appresenta por extremo infeliz para a memoria do que pertende exaltar por essas comparações que recorda d'outras eras: mas tambem, que, referindo-se ás epochas em questão, adrede procura emaranhar nas apparencias da duvida, e do mysterio acontecimentos, que o panygirista não podia deixar desaber com exactidão, supposta a intimidade, que elle diz tivera com o Duque de cadaval, que é força crer em não ignorava, para lhe não fazer-mos a desmerecida injuria de o ter por insensato.

Daqui vem que o A. do opusculo só pode haver desculpa na tachá de partidario, para não incorrer na de insigne má fé.

Sentimos de coração sermos levados pela vehemencia da convicção á lembrança d'estas expressões; porque se não imagine, que, pois o ellogiado foi, e o ellogiador é dos principaes fautores de D. Miguel, a força os procuramos deprimir. Dicemos, repetimos, e de novo asseguramos, que n'este nosso empenho não curamos nem de pessoas, nem de politicas: mas é para nós indispensavel examinar a exactidão das proposições, e dos raciocinios; separar a verdade dos embustes.

O A., cujo nome não declara, diz todavia a pag. 6 = "Tractei-o [o Duque de cadaval] de perto mais de dez annos; tractei com elle negociamentos de dezafogo, em que os homens se conhecem melhor, porque não podem pôr na communicação tamanho estudo: tive em fim varias occasiões e meios opportunos de me informar largamente dos acontecimentos, de que não possuia sciencia propria. — Nestas circumstancias o unico homem, que se conhece é o Bispo de Viseu; todos á uma o designam por A. do opusculo; e o estylo notavelmente puro, elegante, e seu delle, parece não dever deixar a este respeito a minima hesitação.

Em verdade o estylo, e a fraze em que se acha escripto este opusculo é excellenter: e muito simelha o de Jacinto Freire. Ajunzem nossos Leitores per si que para esse fim lhe transcrevemos aqui os dous primeiros §§ do pequeno prologo:

"Dizem que se deve escrever a Historia sem odio, e sem affecto. Eu escrevi este opusculo sem odio, mas não

sem affecto; porque não está na minha mão deixar de amar á virtude, Puz porem grande cuidado em escrever só o que tenho por verdade. A quem poderia eu querer lisongear? O Duque D. Nuno Caetano está hoje muito acima de louvores, ou de investivas humanas. Aos seus guardo o devido respeito; mas não pertendo grangealos, nem elles se deixariam grangear, por adulaçoens.

Quanto mais, que não duvido appellar para o testemunho de todos os que conheceram o Duque D. Nuno

Caetano. Teve emulos, teve inimigos, porque alta virtude, nunca deixa de os ter. Para o testemunho desses emulos e inimigos appellaria sem receio. Alguns conheço bem determinados, bem confiados em sua habilidade, e não temo que saião a desmentir-me: porque ainda que confiem de mais, pois que na opinião de nós mesmos sempre nos inclinamos para o mais favoravel, sei de certo que não tem tão pouco entendimento, que ouzassem arguir-me se quer de exagerado. (Continuar-se-ha)

POEMAS PUBLICADOS EM

1838.

Adão remido por J. Christo.
As estações do anno.
A Gineida.
A Paixão de Christo.
A Pesca.
A Primavera (nova edição.)
A Harpa do Crente — 3 series.
A restauração da liberdade.
O Canto 23.º dos Animaes Falantes de Casti.

CONCLUAÇÃO DAS POESIAS A MEMORIA
DE S. C. D'ANDRADE.

Nil, ut amicitia est dulce; at nihil acrius illa,
Quam mors flere urget, qui fuit alter ego:
Sic ratio queritur desiderii icta sagittis:
Ipsa tamen silet, ut Relligio eloquitur,
Munus amicitia alium, et ei coelesti origo;
Sed numeranda inter deperitura bona
Fixum permanet usque bonum tantummodo summum;
Nil prostantius est bona cuncta supra
Adpetitur semper, properat mens semper ad illud:
Qui prior adsequitur, nempe beatus erit. —
Ad summum ergo bonum earum migravit Amicus.
Angelisque choris jam redimitus adest.
Sic pietas tenet; hoc virtus donanda trophæo;
Nam hac sine amici tunc nomen inane foret,
Oh! Nimum felix! (sint haec solatia amici)
Jam mala despiciet, heu! Quae hora futura parat!
Perge igitur lacrymisque piis jam parce, Viator:
Haud plangendus Quem gaudia plena beant.

TRADUÇÃO.

Nada existe mais doce que a amizade;
Mas nada mais acerbo quando os laços
Que de dous corações um só formavam,
A morte faz pedaços. —
Da razão, pela voz d'alta saudade,
Tal, a força da dor, é o queixume;

REVISTA DOS THEATROS.

RUA DOS CONDES. — Nestes passados quinze dias nenhuma pessa nova foi á scena n'aquelle theatro; hoje se representa pella primeira vez o *Emparedado*, e delle falaremos no seguinte Numero.

S. CARLOS. — Quinta feira 13 do corrente subiu novamente á Scena a *opera* — *L'Esul di Roma* — para *debute* do primeiro tenor *Pati*. Si a opinião publica lhe foi avessa quando, á trez annos, foi pela vez primeira desempenhada por *Magioroli*, *Furlani*, e *Mattey*, não havia, nos parece, muita razão para que esta *Opera*, cujo maior papel é do *Sr. Marianni*, fosse agora mais bem recebida. — Por nós, confessaremos que nos bem pouco agradou, — Com magoa viamos o genio de *Lucia* e *Bellisario* empanado, como o sol per bruma cerrada, e só no tercetto que feiza o 1.º acto animar-nos com um brilhante mas fugitivo raio de sua luz, que mais ainda nos fez sentir a escuridão que se lhe seguiu.

Falemos de *Sr. Pati*. — Era grande a espectação do publico, e um pro-

fundo silencio, e animadora attenção reinavam nos espectadores ao appresentar-se aquelle artista com uma figura em todo o sentido propria a captivar-lhe as sympathias. — Desprende a voz; e essa voz cheia de suavidade e doçura se ergueu com um sumido receio que muito bem cahe em presença de um publico illustrado; foi-se pouco a pouco animando limpida e melodiosa, e se amostrou dotada de muito frescor e mimo. Lamentamos porem, que ella tenha tão pouca amplitude, como deste seu canto de *debute* se pôde deprehender: tambem notámos que nos *cheios* se deixava abafar pelo orchestra. A mimica e jogo phisionomico são fortes e naturaes, mas alguma expressão mais lhe queriamos na voz — quesito de não pouca importancia nas *operas*, onde a declamação é o canto. — Pouco ainda ouvimos o *Sr. Pati*, e esperamos que nos dará occasiões de rectificar o que deste nosso conceito lhe é menos favoravel.

A dança *Nabuchodonosor* tem continuado a ir á scena, e muito diversas opiniões temos ouvido a seu respeito: sem que estas prejudiquem os

nossos juizos, diremos della quanto nos occorreu na placida e desapaixada attenção que lhe dedicámos.

O seu unico defeito é o assumpto, — rede emaranhada cujo fio ninguem seguiria, si não tivesse o *folheto* sempre á vista; e o auxilio que deste provem para a interpetração da pantomima se troca em desofficiosa recommendação, patenteando a impossibilidade de applicar-se devidamente o texto á gesticulação; alem disso, é assaz monotono e classico.

A musica é excellente, e até em algumas partes muito dramatica; tal é a do final do 1.º acto, que exprime com sublimidade a confusão e o horror nos levitas; o furor, o anathema, e a ira de Deus nos violadores do *Templo*. O sollo do *Sr. Freitas* no ultimo acto, e o do *Sr. Jordani* no 2.º sendo composições de mimo, com perfeição e mimo são executadas.

No desempenho distinguem-se principalmente a *Sr. Cati*, e o *Sr. Giuliani*, a primeira, comprehendendo perfeitamente o seu papel, tem alem disso a vantagem de estar em *perfeito caracter*, e mostra uma expressão, e desenvolve um talento que embalde

pretendiriam negar-lhe as prevenidos.

— O Segundo não lhe está inferior.

Os *bañados* são deliciosos, e a musica do segundo tem uma moleza oriental, tão propria quanto agradável.

Da sua riqueza já muitos teem falado; e nós concluiremos por lembrar que o louvor, e a censura, nós os distribuímos sem galardão, ou acinte, e só como francamente entendemos.

QUESTÃO DOS FOROS

E FORAS.

Neste momento acaba de publicar-se com o titulo = *Carta de um Provinciano a outro, Deputado em Cortes = ou = Observações ao Projecto de Lei, que pelo Relatôr da commissão especial de foraes foi apresentado á Camera dos Deputados em Sessão de 10 d' Abril 1839. = (23 pag. de 8.º) = Lisboa na Typographia do P. J. S. Amaral.*

Não seremos tão fatuos, que á primeira vista nos julguemos habilitados a emitir opinião acerca d'um escripto sobre assumpto de tão transcendente importancia. O que só por agora podemos dizer é, que seu A. (anónimo) se apresenta em pronunciada opposição assim ao Decreto de 13 de Agosto de 1832, como ao novo projecto. Esta idéa por certo hão de formar nossos Leitores, tanto que vejamos as seguintes expressões logo do §. 2.º =:

« Começando a lêr o Preambulo, que precede aos Artigos do Projecto, gosava eu da satisfação de ver nelle pensamentos, e expressões proprias para satisfazer a minha expectação. quando cheguei a vel-a como entusiasmada de não sei qual grande pensamento do Decreto de 13 d'Agosto de 1832, empenhada em sustentar aquelle pertendido monumento de *Alta Sabedoria*, e obrigada a respeit-o em toda a sua extensão, até qualificar os bens da Coroa de *morgados politicos formados para cercar o throno da abjecção de uma constante dependencia!* Quando isto cheguei a vêr, lembrou-me se alguma estranha influencia entraria nos trabalhos da Commissão, perdi a satisfação, com que falava, e quasi a esperança de encontrar no projecto as providencias, que sóppunha justas, e necessarias. Com tudo desejando satisfazer ao empenho, com que me pedes o meu parecer sobre o projecto; e. fui lançando por escripto algumas observações, que me occorreram. . . . &c. »

Fala depois do projecto em geral, e principalmente d'algum de seus artigos em particular.

E' isto apenas o que por agora podemos enunciar a este respeito.

Sentimos não nos caber espaço para dar per inteiro a *Carta* que abaixo transcrevemos. Já Portugal tinha o seu Camões quando ainda a Russia era um povo barbaro, e em civilização, e litteratura, tão esteril, como os páramos de gêlo que a guarnecem; e o que vác sendo a *Russia*, e o que é Portugal? — Compare-se o movimento litterario de uma e outra.

LITTERATURA DA RUSSIA.

EM 1838.

Meu Senhor.

Paris 25 de Janeiro.

Sem me embaraçar em considerações geraes acerca do desenvolvimento da litteratura na *Russia*, parece-me que uma vista d'olhos sobre o que de mais nota occorreu no proximo passado anno assaz d'interesse offerecerá aos seus leitores, e lhes acareará um instante de attenção. — Entrarei pois sem mais detença no assumpto começando pelas producções historicas.

O movimento de alta critica, estampado neste nosso seculo pelo renascimento dos estudos historicos em França e Alemanha, já foi lavrando até á *Russia*. Desmoronámos nós, para a reconstruir com mais verdade, toda a nossa historia; foram tambem as de *Roma* e *Grecia* inteiramente recompostas; assim á imitação de nós vão os Russos esclarecendo os tempos mais remotos de seus fastos com uma luz mais sã e intelligente. Não se toma já ao pé da letra a Chronica de Nestor, como largo tempo se uzou, e a celebre Historia da *Russia* por *Karaisin* quasi que vem a ser analogo, no que toca aos antigos tempos á nossa Historia de França por *Velly*, ou per *Anquetil*. — Longe de mim detrahir com acintoso empenho a chronica de Nestor, um dos mais respeitaveis monumentos da Historia do Norte; esta chronica todavia, bem como a maior parte das que a Europa houve nesse mesmo periodo, precisa de uma interpretação concertadamente calculada, e de convenientes commentarios. Louvores se devem pois ao ministro d'instrucção publica, o qual, comprehendendo toda a importancia de tal objecto, nomeou uma commissão scientifica especialmente encarregada de rever o texto dessa Chronica em presença dos diversos manuscritos, e de publicar della uma edição tão accurada quanto no possivel coubesse.

Concorrem de toda a parte a compilar-se as tradições, os monumentos, as cartas, e as antigas actas, que podem devassar o estado da *Russia* nesse seculos de obscuridade, aonde é tão difficil lançar uma vista assaz distincta e certa. O governo associou-se a este movimento que apadriñha, e incetou a publicação de uma serie de documentos officiaes relativos

às antiguidades da *Russia*. Quatro volumes, fructo de uma expedição archeologica dirigida por *Paulo Stroeff* e *Tiago Berednicoff*, já foram publicados. Os archivos dos mosteiros, dos tribunaes, dos antigos solares, foram devedadamente visitados, e forneceram uma multidão de manuscritos preciosos para o conhecimento da antiga administração das provincias, da culto, da fazenda, da organização municipal das antigas eras, dos usos e costumes, em uma palavra, das instituições publicas, e particulares. — A Europa illustrada não pode deixar de fazer votos pela continuação de um trabalho que só o favor do governo imperial pode sustentar.

Achou muita sympathia no publico esse impulso dado pelo governo. Os trabalhos particulares dos sabios tomaram o mesmo rumo, e mais obras serias de historia appareceram per todo o anno de 1838, do que em qualquer dos antecedentes; a mais importante deve-se a *Bulgarine* e tem per titulo — *A Russia*. Os 4 primeiros volumes publicaram-se em Junho, e vieram excitar uma viva contenda entre os partidistas do novo, e antigo methodo historico. — Aquelles em vez de admitirem cegamente, o que vem nos *Annaes de Nestor*, e por estes unicos dados escreverem a historia, chamam a critica em seu auxilio para a intelligencia dos factos, dos *Annaes bysantinos*, dos livros orientaes, e de todos os testemunhos que é possivel colligir. *Bulgarine* contudo não se confessa como pertencendo a um, ou a outro partido; usou antes d'uma especie de *eclectismo* assolhando ao publico os documentos da demanda, sem querer constituir-se arbitro. Talvez nisso fizesse bem, porque, até que um maior numero de materiaes appareçam, não parece cousa possivel resolver com decisiva authoridade muitas questões essenciaes dos tempos passados. O fim do author é dar uma exposição geral da historia, geographia, estatistica, e litteratura. Comparando o que tem dado esta bella empreza com a estatistica publicada á alguns annos em francez per *Sohnitzler*, e de que se usa geralmente, é facil de concluir que grandes lacunas se acham preenchidas na primeira.

Mouravieff author d'uma *Viagem a Jerusalem* que muito saboreada foi na *Russia*, e de que ha muitas edições, publicou este anno uma Historia da Igreja *Russa*. Mencionando as differentes phases da autoeracia religiosa, que, per nove seculos foi para a *Russia* principio de civilização, e ao mesmo tempo lança de nacionalidade entre as diversas povoações separadas per dominações diversas.

Continuar-se-ha.

LISBOA:
TYPOGRAPHIA DE J. F. SAMPAIO
Pateo do Salema N.º 18.